

FRONTEIRAS
DO PENSAMENTO | UMA DÉCADA,
MUITOS OLHARES

Apresentação

Braskem

Patrocínio

Unimed
Porto Alegre

Parceria Cultural

PUCRS

Empresas Parceiras

STIHL

CMPC
CELULOSE
ORGANIZANTE

Parceira Institucional

HOSPITAL
MÃE DE DEUS
HISTÓRIA DE SAÚDE MÃE DE DEUS

Universidade Parceira

UFRGS
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Censura como parte do sistema

NO FRONTEIRAS DE PENSAMENTO, Robert Darnton critica o controle da informação por parte do Estado e das grandes corporações

ALEXANDRE LUCCHESI

alexandre.lucchese@zerohora.com.br

Em sua palestra no Fronteiras do Pensamento, na noite de segunda-feira, o norte-americano Robert Darnton, pioneiro no estudo da história do livro e diretor da biblioteca de Harvard, fez uma análise sobre três momentos da história em que a censura mudou a literatura. Mas não só de passado tratou a conferência: ao final de sua fala, Darnton alertou que a censura ocorre em sociedades nas quais o poder está restrito a um monopólio e chamou a atenção para o fato de grandes corporações terem atualmente o controle da informação.

– Precisamos entender a censura, não apenas condená-la. Mas também é preciso assumir posições, especialmente quando o Estado, com o Google e o Facebook, nos observa a cada passo que damos – afirmou o conferencista no Salão de Atos da UFRGS, em Porto Alegre.

Darnton também apontou pontos positivos na internet. O americano trabalha em um projeto para digitalizar o acervo de Harvard e disponibilizá-lo ao público geral, mostrando-se otimista com ações como essa – acredita que, em 10

anos, um banco de dados virtual poderá unificar materiais de diferentes universidades do mundo. Porém, o palestrante também reafirmou desconfiança em relação ao controle dos dados da população que trafegam pela rede:

– Não tenho formação para debater sobre a internet, mas, como chefe da biblioteca de Harvard, acredito que o mundo digital pode ser usado para o bem. Só que temos um sistema de tecnologia que entra no cotidiano das pessoas, e isso traz a possibilidade de os Estados intervirem e terem o registro do que faz a população. Já disseram que os serviços de inteligência podem ler tudo o que é registrado. Então, o Estado está observando o comportamento do consumidor, e a justificativa para isso é a defesa ao terrorismo.

Em uma hora e meio de palestra, o historiador comparou três períodos do passado em que a censura teve forte atuação: na França absolutista do século 18, na Índia do século 19 e na Alemanha Oriental. O pesquisador estudou por anos cada um dos sistemas de censura citados – as investigações deram origem a

seu mais recente livro, *Censores em ação*, editado no Brasil pela Companhia das Letras.

Para Darnton, a crítica aos censores muitas vezes é feita de modo simplista, descartando estudos mais aprofundados a respeito do tema.

– Após conhecer esses três sistemas, concluí que a censura não é a mesma coisa em todos os lugares. É variável, conforme o caráter de cada governo. É preciso estudá-la não como uma vilã em um enredo, mas como parte de um sistema em que toda a sociedade está envolvida – avaliou.

Darnton é historiador e diretor da biblioteca de Harvard



ANDRÉ AVILA



PEDRO GONZAGA

pdgonzaga@icloud.com

OS INIMIGOS DA POESIA SÃO

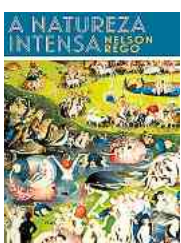
Tantos políticos, que transformam a língua em uma pasta amorfa, abatumada por promessas que não fermentam, há muito recoberta pelo glacê de caríssimas publicidades. Tantos amantes, que simulam um lirismo feito de preguiçosas fórmulas, parnasianos dos sentimentos, como se nunca houvera um Manuel Bandeira. Tantos intelectuais, satisfeitos em ler e entender o que só eles mesmos escrevem. Tantos poetas, como este, que se arrogam defensores da poesia, ou acreditam ser necessário defendê-la. Tantos acadêmicos, esterilizando a cada dia as palavras de sua potência e expressão, repetidas congresso após congresso, revista após revista até que pareçam fazer algum sentido, ao menos para seus pares. Tantos artistas, que se acostumaram à segurança de saltar com rede e agora temem qualquer coisa diferente de inócuas turnês. Tantas eminências, sem qualquer ouvido para o ritmo e a sonoridade do idioma. Tantos ativistas, que falam em nome daqueles que jamais lhes conferiram procuração, a calar a novidade de ferro e sal que podia estar na boca dos que ainda não venceram o silêncio. Tantos juristas, para os quais a letra da lei vale, naturalmente, mais do que a letra do verso. Tantos jornalistas, que acreditam que só pode haver fato nos fatos e nenhuma poesia. Tantos professores, a desencorajar seus alunos a olhar para o mundo através da lente do poema, confinando-os à homogeneidade da prosa por gosto ou falta de preparo.

Tantos inimigos. Tantas vitórias aparentes.

À poesia, agrada-lhe a luta corpo a corpo, a que se trava à noite, quando todas as luzes, exceto as de cabeceira, se apagam. Por isso, mesmo unidos, cedo ou tarde, cairão todos os estandartes, suavizados pela lira, um a um, derrotados em alcovas perfumadas, nas quais Safo e seus seguidores seguirão celebrando a vida transfiguradamente viva em redimidos caracteres.

Leia outras colunas em zhora.co/pgonzaga

PRÓXIMA QUARTA: Fábio Prikladnicki



A NATUREZA INTENSA

De Nelson Rego
Contos, Terceiro Selo, 144 pág.
R\$ 35,90.

Lançamento hoje, às 19h30min, na Livraria Saraiva do Moinhos Shopping (Olavo Barreto Viana, 36).

Nelson Rego lança novo livro de contos

A capa de *A natureza intensa*, novo livro de contos de Nelson Rego, não poderia ser mais apropriada. Um detalhe de *O jardim das delícias terrenas*, de Hieronymus Bosch (1450 – 1516), serve para ambientar o leitor no estranho e exuberante mundo que o autor constrói ao longo das quatro narrativas do volume, que será lançado hoje, às 19h30min, na Saraiva do Moinhos Shopping.

As histórias narradas pelo escritor, vencedor do Açorianos de 2011 com *Daimon junto à porta*, apresentam mulheres em posições de poder, regendo negócios e pessoas a partir de valores próprios, em que a estética e o hedonismo rege grande parte das escolhas. No



Nelson Rego

primeiro conto, uma modelo posa para um grupo de artistas, que lhe pedem diferentes posições. Ao longo da sessão, o fazer artístico se confunde com a contemplação do corpo feminino como um obra de arte (“Deixe um braço caído e passe o outro sobre ele, abaixo dos seios, deixe-os à vista. Ah, ficou lindo, não é, pessoal?”, diz um membro do grupo à menina). Já a segunda narrativa apresenta duas mulheres em viagem de negócios pela Itália cercada de mistérios e sexo.

Depois do terceiro conto, um di-

álogo que lança questões sobre as duas histórias anteriormente narradas, é a vez do livro se debruçar sobre os bastidores de uma grife de moda que insere na sociedade meninas em situações vulneráveis.

– *A natureza intensa* fala da realidade, mas de uma realidade escondida em nichos do nosso cotidiano. É uma sondagem de possibilidades do que o mundo pode vir a ser – afirma o Nelson Rego.

Trata-se de um livro que carrega um fio de esperança. Em uma sociedade sem muitas crenças nas quais se amparar, a busca pela beleza das personagens de *A natureza intensa* surge como um ideal ao qual é possível se agarrar. **(ALEXANDRE LUCCHESI)**